

## A LINGUAGEM COMO CONVERTIGEM

### *LA LANGAGE COMME ÉTOURDIT*

Cirlana Rodrigues De Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Considerando o inconsciente estruturado como uma linguagem, o objetivo é recortar do texto *O Aturdido* (LACAN, 1972/2003) elementos que possibilitem ler e escutar esse inconsciente como existência de linguagem. Do jogo de significantes, dos efeitos de sentido e significação, o equívoco afeta o ser falante por ressoar rompendo o peso da palavra do Outro e sua potência alienante de sentidos. O equívoco como funcionamento de linguagem será abordado dentro da perspectiva psicanalítica a partir das dimensões do dizer real, simbólico e imaginário geridas pela lógica do objeto a, que não se nomeia, mas ordena as análises e redefine a interpretação. Ao final, será tirada a consequência dessa perspectiva para a articulação entre linguagem e psicanálise.

**Palavras-chave:** Linguagem. Significante. Equívoco. Interpretação. Inconsciente.

**Resumé:** Considérant l'inconscient structuré comme un langage, l'objectif est d'extraire du texte *L'étourdit* (LACAN, 1972/2003) des éléments permettant de lire et d'écouter cet inconscient comme l'existence du langage. Du jeu des signifiants, des effets de sens et de signification, l'équivoque affecte le parlêtre en résonnant, brisant le poids de la parole de l'Autre et son pouvoir aliénant de sens. L'équivoque comme fonctionnement du langage sera abordé dans la perspective psychanalytique à partir des dit-mansion du dire réel, symbolique et imaginaire géré par la logique de l'objet a, qui ne se nomme pas, mais ordonne les analyses et redéfinit l'interprétation. Au final, la conséquence de cette perspective pour l'articulation entre langage et psychanalyse sera tirée.

**Mots-clés:** Langage. Signifiant. Équivoque. Interprétation. Inconscient.

### **Introdução**

O discurso psicanalítico trata do inconsciente por meio de elementos da linguagem para além da linearidade da cadeia significante. As torções e transformações se estabelecem em torno da invenção do objeto a, não nomeável e indeterminado. O “*Isso não!*” da castração se revira no “*Eu não sei algo disso que eu disse*”. No significante *disso* existe alguma coisa a mais, numa espécie de aglutinação por ressonância que advém não daqui, da sincronia da fala, mas do *isso*, numa versão para um referente possível ao inconsciente que se escreve enquanto fala. Estrutura e escrita são sinônimas, nesse discurso. O não dito e o interdito na cadeia de fala avançam sobre o imaginário dos sentidos e sobre o simbólico das formações do inconsciente, dos esquecimentos, dos sonhos e dos recalques. A negativa freudiana, aspecto adjetivo da segunda tópica psíquica e da fala dos analisantes se torna uma ação no sentido do dizer como fazer: Eu, Id e Supereu se embaraçam, se contorcem e se transformam costurando um ser falante que agora se lê na versão de enodamentos das dimensões psíquicas real, simbólico e imaginário. Dessas amarrações, o equívoco ganha lugar na estrutura do

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem - Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Pós-Doutora em Psicologia (Residência Pós-Doutoral (Pós-Doutorado) no PPG-Psicologia/UFMG) - Finalizado. Psicanalista, membro-associado da Haeresis Associação de Psicanálise, Uberlândia (MG). Área de pesquisa: psicanálise, linguagem e inconsciente.

inconsciente no mais próprio do dizer de alguém, lalíngua como o que ressoa do enigma constitutivo do ser falante.<sup>2</sup> O significante passa a ser o da equívocidade.<sup>3</sup>

A castração e seus enigmas são deslocados e condensados em formas que escapam à previsibilidade dos sentidos, atualizando o fato de que são as palavras ditas que conduzem analista e analisante à solução das obscuridades do querer: entre isso e aquilo, como posição subjetiva de repetição e escolhas a serem feitas, há um ponto no dizer de decisão por isso ou aquilo, instaurando uma nova direção do desejo, o que leva a supor que algo permanece como mistério.<sup>4</sup> Para a psicanálise, respostas improváveis não esgotam as incógnitas do inconsciente. A proeza de Édipo em desvendar a questão de seu destino também estabelece algo de que ele nada sabia.

Da poética, suas metáforas e metonímias, seus deslocamentos e condensações significantes, um ponto silencioso insiste, tal como a figurabilidade, essa fala silenciosa onde a forma prevalece sobre o sentido, se contorcendo e se reinventando, pois o inconsciente “‘não é que o ser pense’ [...] ‘é que o ser, falando, goze’. E acrescento: ‘e não queira saber nada, mais nada disso’ [...] ‘não saber nada de nada’” (LACAN, 1972-1973/2010, p.223-224). É o lugar da meia-verdade no dizer. Dessa linguagem que estrutura o inconsciente algo permanece interdito, algo no dito não se acessa como verdade e nem como totalidade. O entre significantes da cadeia simbólica ganha função de interdição no dizer. A fala não faz um sentido, mas significações. Coisa que poetas sabem.

---

<sup>2</sup> Sintagma nominal “*ser falante*” para traduzir o neologismo de Jacques Lacan *parlêtre*, como referência ao ser não ontológico efeito das articulações entre real, imaginário e simbólico em torno do objeto a. Dentro da teoria, é um avanço para a lógica do sujeito do inconsciente como efeito da articulação significante. Trata-se da revolução do sujeito que do ponto de sua cisão passa a lidar com o seu dizer, para além do efeito da cadeia significantes como tesouro do grande Outro. “*Ser falante*” também não se confunde com o falante da linguística, indivíduo que compartilha uma língua dentro de uma comunidade linguística. O ser falante como aquele que é quando fala, implicado como elemento da estrutura.

<sup>3</sup> O significante lalíngua (tradução em português brasileiro de Haroldo de Campos para *Lalangue*) foi criado por Lacan em 04/11/1971, a partir de um *lapsus* cometido ao fazer referência ao Vocabulário de Psicanálise (*Vocabulaire de la Psychanalyse*) de Leclaire e Laplanche como Vocabulário de Filosofia (*Vocabulaire technique et critique de la philosophie*), de André Lalande, quando falava sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem, dentro de um seminário sobre o saber do psicanalista, e depois de lembrar da conferência de Georges Bataille sobre o “não-saber/*non-savoir*”. Algo que escapou dessa cadeia associativa em seus arranjos e desarranjos. Lugar de troca da palavra pelo significante, pela emergência gozante de um equívoco, onde um « *d* » deu lugar a um « *gu* » [*Lalande/Lalangue*] e, desse modo, a língua do inconsciente não cabe em nenhum vocabulário e, menos ainda, o saber do psicanalista. Esse significante ganhou estatuto de conceito fundamental para o como que estrutura o inconsciente. Lacan deformou a relação inconsciente e funcionamento significante com esse significante do equívoco, da deformação do vocabulário. Lalíngua confirma, aos modos psicanalíticos, algo que se sabe nos estudos da linguagem, que não falamos a mesma língua e que o ser falante vive por entre línguas ditas em outros lugares, onde esse Outro (campo da linguagem) é o que ao mesmo tempo nos constitui e que precisa ser atravessado, no sentido de vertido em outros significantes no dizer.

<sup>4</sup> Fundamento da experiência analítica estabelecido por Freud (1905/2022, p.137) em uma nota de rodapé na história clínica *Fragmento de uma análise de um caso de histeria (Caso Dora)*: “Essas palavras vão nos conduzir à solução de um de nossos enigmas.”

Na linguagem, esse lugar é marcado pelos equívocos na língua, lugar das deformações estruturais na fala, não toleradas do ponto de vista da ciência da linguagem. Mas, é nessa lógica das significações que se colocam formas em choque, se provocam tensões no dizer rompendo com a repetição e a inércia do ser falante. O que se disse só pode ser uma tomada de decisão do falante e não um efeito da cadeia da língua como se quem fala não fosse ali implicado como lugar e como corpo que goza sem copular, goza falando do seu jeito. Sendo a linguagem uma habilidade da espécie humana, de definições abstratas, e a língua o individual compartilhável por falantes de uma mesma comunidade atravessadas por formas singulares e universais, o equívoco comparece para não se deixar perder de vista que a linguagem, a fala, a língua e o discurso são indissociáveis da hipótese do inconsciente, para a psicanálise:

Vocês veem que ao conservar ainda esse *como*, me apego à ordem do que coloco quando digo que o inconsciente é estruturado *como* uma linguagem. Eu digo *como* para não dizer que o inconsciente é estruturado *por* uma linguagem. O inconsciente é estruturado como os ajuntamentos de que se tratam na teoria dos conjuntos como sendo letras. (LACAN, 1972-1973/2010, p.65-66)

São ajuntamentos de associações e transformações de toda ordem que a poética escreve a seu modo nas construções dos sonhos e das formações do inconsciente. O uso do termo “letra” é uma referência ao matematizável, não apenas destituído de um sentido prévio, pois isso sempre esteve na ordem do inconsciente estruturado como uma linguagem, mas também no sentido de deslocamento dos elementos, onde se mexendo uma letra de sua posição, a solução de qualquer equação é outra, a escrita é outra. Aspecto mais fundamental do que a insistência em torno da cientifização da psicanálise que mata essa poética. Em português brasileiro se diz “contar” como referência a operações em matemática, a enumerar: “*Ele conta quantos carros existem na garagem.*” Ainda como referência a narrativas: “*Ele conta a história toda.*” Enumerar fatos é contar os fatos em uma ordenação conforme quem conta. Esse uso linguageiro serve aos propósitos das análises e das letras e significantes que estruturam o inconsciente: o ser falante conta de si a um outro enquanto faz contas com seus significantes, ajunta e reordena letras.<sup>5</sup>

Dessas considerações iniciais, proponho recortar do texto *O Aturdido* (LACAN,1972/2003) alguns elementos que possibilitem ler e escutar esse inconsciente que existe como jogo de significantes, como sentidos e significações, e existe como equívoco que

---

<sup>5</sup> Exemplos aleatórios.

afeta nosso corpo por ressoar sem o peso do Outro e sua alienação.<sup>6</sup> Diante disso, a interpretação nas análises merece ser revista a partir do equívoco. Ao final, alguma consequência será tirada para a articulação linguagem e psicanálise.

### **Antes, um adendo sobre o equívoco e a interpretação**

Lalíngua é um equívoco feito no espaço de transmissão, da geometria do inconsciente de mutações sobre o saber do psicanalista. As formações do inconsciente e o funcionamento do significante permitem ao analista atravessar a fala imaginizada e maciça de ilusões e adentrar nas fantasias e elaborações em torno do desconhecimento que angustia. As falhas e as claudicações nas falas atropelam determinismos e certezas subjetivas. Desse lugar, um dizer irrompe como incalculável e sem previsão pelas leis desse funcionamento. Uma sequência é interrompida, a direção das coisas a dizer mudam. Por isso um equívoco é feito, efeito na fala.

Foge ao escopo e tamanho deste escrito expor uma teoria do significante dentro do discurso psicanalítico, desde o encontro de Roman Jakobson com as formações dos sonhos, desde o encontro de Jaques Lacan com a linguística estrutural e suas transformações e distinções. Vale destacar o que fica do significante linguístico na psicanálise: a articulação e a introdução da diferença onde o traço distintivo não se perde; a cadeia de significantes a ser reordenada; a proteção do significante contra o significado, onde a barra do signo original é marca do interdito a todo ser falante; e o fato de que o “significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame” entre os que falam (LACAN,1972-1973/2010, p.43). Escapando da cadeia, o significante é um equívoco com a ambiguidade a sua disposição. Assim, não é um erro, ou uma falsa ideia: é o certo a dizer.

Novaes (2013) constata, investigando o lugar constitutivo dos equívocos de escritas durante aulas de língua portuguesa para crianças, e considerando que crianças precisariam, dentre outras coisas, falar sobre sua própria relação com a língua, que o equívoco é a hiância no significante ao qual a criança se filia em sua constituição subjetiva. Esse laço é tomado pelas crianças lidando com suas escritas e com as escritas de outras crianças, transformando a aprendizagem numa brincadeira de invenção com a língua que vem do campo da linguagem. Para o autor, um equívoco não seria um “erro” de escrita. A problemática estaria quando a

---

<sup>6</sup> Farei referências, quando necessário, à versão em francês *L'étourdit* (14-07-1972) disponível no site <http://staferla.free.fr/>

criança não diz sobre seu escrito. O equívoco é parte da escrita poética, da escrita de subversão das leis de funcionamento da língua como estrutura que nos causa. Na aula de língua portuguesa, crianças amarram as letras com suas histórias e significações e escrevem poemas.

Não há, na linguística, a hipótese de que a experiência do inconsciente reside no laço entre sujeito e significante, e nem que o inconsciente é da ordem do não-sabido, do que não pode ser escrito. Mas, há um inconsciente como enunciação. Uma definição dessa enunciação como estrutura é a de Benveniste (1976, p.9):

[...] o arranjo de um todo em partes e a solidariedade demonstrada entre as partes do todo, que se condicionam mutuamente [...] onde cada peça recebe a sua razão do ser do conjunto que serve para compor.

Sendo o inconsciente o lugar dos conflitos psíquicos, é possível sustentar que a linguagem estrutura o inconsciente não como uma solidariedade irreduzível entre os elementos que se arranjam constituindo um sujeito desejante: a subversão ocorre no ponto da não solidariedade, da não totalidade, no ponto onde um significante não tem responsabilidade nenhuma com outro significante da cadeia, pois se assim fosse, a lógica do objeto perdido não se sustentaria, já que comporia um conjunto solidário entre objetos.

Os equívocos são as deformações na estrutura, enquanto chistes, lapsos, parapraxias e sonhos são as formações inconscientes na estrutura. Há uma solidariedade nessas formações considerando que podem ser lidas dentro do funcionamento do significante, das associações inconscientes entre as partes que formam um chiste bem-sucedido em sua função libertária do desejo, que forma um ato falho bem-sucedido ao desvelar um sentido que não se quer dizer. O que se chama equívoco é uma homonímia, uma deficiência na língua, algo que deu errado nas articulações solidárias dos elementos da língua: é o calcanhar de Aquiles da linguística, já disse Jakobson lidando com isso por meio da poesia. O que Jacques Lacan compreendeu muito bem: é a homonímia, a homofonia, o lugar do equívoco na língua, explorado como o lugar da interpretação.

Mattoso Câmara Jr. (1992, p.139), em seu *Dicionário de linguística e gramática*, define homônima como “a propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica,” como cita nas diferentes ocorrências da palavra “são”: “*um homem são/São Jorge/ são várias as origens*”. Nesses sintagmas, uma mesma imagem acústica corresponde a três morfemas gramaticais, adjetivo, substantivo e verbo, implicando significados diferentes. São imagens acústicas, pois estão em

cadeia, porém isso não resolve o problema da significação. Para um linguista não advertido para o inesperado da linguagem e suas formações, alguma coisa não está funcionando nessa estrutura, seria, portanto, uma deficiência, uma deformidade. O esperanto é uma tentativa de eliminar todas as deficiências, de criar uma estrutura verdadeiramente universal. Também, regimes autoritários tendem a higienizar as línguas, visando justamente o apagamento de deformidades que possam ampliar as possibilidades de significações nos discursos em circulação. Para a psicanálise, essas deficiências e deformações são parte do funcionamento das línguas, efeito da condição de não totalidade da linguagem e não um erro do falante ideal. Para o inconsciente, nenhum ser falante erra em suas tentativas de falar a língua do Outro e sua própria língua.

A partir de Milner (2012), localiza-se no equívoco a expressão do amor pela língua: lalíngua é uma declaração de amor do ser falante à língua materna. A expressão do amor por meio da língua: um bebê cria lalações para se enlaçar amorosamente com a mãe. Essas sonorizações onomatopeicas e motivadas por esse desejo, ou seja, prazerosas, anunciam para o sujeito que a linguagem que lhe causa carrega um impossível e que seu trabalho como ser falante será inventar a palavra que não existe. Solução poética ao real da língua que suporta essa falta e o faz resistindo às simbolizações.

Souza Jr. (2023) coloca a poética como o que costura psicanálise e linguística. Nesse ensaio, nos mostra o lugar do equívoco no funcionamento da língua, algo que apresentei como o que desestabiliza a linearidade da cadeia significante. Para esse autor, na linearidade fônica, portanto da fala, lalíngua irrompe: o real avança sobre o imaginário e o equívoco é feito ali, no ponto paradoxal da estrutura. Essa questão da significação e do equívoco é o que concerne à interpretação na análise na medida do contrassenso que carrega: ao inconsciente interessa isso da língua que avança sobre o caos do mundo que escapa a uma organização prévia.

O equívoco é a marca do real na estrutura, fura o imaginário e o sentido alienante. O falo perde a centralidade de saber e marca o simbólico com um buraco, e a unidade imaginária e consistente do eu ganha uma marca misteriosa, estranha. O equívoco é insolúvel na fala, e uma questão se impõe: o que é interpretar diante desse não-tudo, diante do equívoco? De intérprete, aquele que revelaria o sentido em outra língua para um ouvinte, ao analista cabe a escuta e tradução entre línguas, entre formas do dizer. Não à toa transferência carrega esse sufixo *-trans*, de transposição e tradução de um dizer ao outro até que o analisante elucide algo em torno de seu desejo para além da língua do Outro.

Lacan (1972/2003) propõe n’*O Aturdito* o equívoco contra o impasse no simbólico na medida em que este não se enreda em um sentido. O faz para desatrelar a interpretação da produção de sentidos, de explicações, pseudoanálises forjadas em algo como uma psicoeducação, informações, resenha do que o paciente disse, críticas e juízos. Sentido é aparência e conduz ao fracasso, a indistinção. O equívoco vem esburacar essa aparência. A significação faz surgir um outro sentido que o analisante não ouvia em seu dito como eco do real. O equívoco só ganha significação no depois, esse tempo que dramatiza as análises, pois temos que conviver com o fato de que na hora do dizer nada faz sentido, só mais tarde.

Um gesto de Lacan como ato analítico é visto na conhecida cena de análise testemunhada por Suzanne Hommel ao narrar que acordava às cinco horas da manhã todos os dias, mesmo horário que a Gestapo procurava os judeus em suas casas. Ao escutar “*gestapo*” no dito da analisante, Lacan, pelo equívoco da homofonia, escuta o que estaria por trás desse dito: o dizer “*Gesto na pele*” (homofonia em francês entre *Geste à peau/Gestapo*). Essa interpretação pelo equívoco homofônico instaura um ato. Lacan se levanta, faz um gesto na face da paciente. Esta vai embora atordoada, e só depois compreende o que se passou como efeito da significação que permaneceu em aberto na sessão.<sup>7</sup> Esse acontecimento mostra como é possível ao simbólico tocar o real, fundamental para repensar o poder da interpretação que passa a ter seu valor estrutural não em enunciados do tipo “*Isso quer dizer isso*” ou na máxima imaginária “*Tu és isto*” que fecha com a fantasia infantil do “*Eu sou isto que minha mãe me diz que sou*”.

No segundo sonho de Dora (FREUD, 1905/2022, p.131) surge um ponto de interrogação no “querer” marcado na carta: “*Agora ele morreu, e, se você quiser, pode vir.*” Ao que Freud esclarece em nota de rodapé: “*Sobre isso, o adendo: Ao lado dessa palavra havia um ponto de interrogação: quiser?*”. A interpretação incide sobre essa dobradura de Dora acerca do próprio desejo, esse ponto de interrogação que coloca em xeque o que ela quer.

O equívoco de Lacan, lalíngua, mostra isso que não cessa de não se traduzir, ou, como querem outros, que não cessa de não se escrever e que nenhuma lexografia é totalizante da língua de alguém. O equívoco tem seu lugar no funcionamento da linguagem afrontando certa autonomia. Cassin (2019, p.21) destaca o quão produtivo pode ser o equívoco, para uma psicanálise:

---

<sup>7</sup> *Um encontro com Lacan.* Direção Gerard Miller (Documentário, França, 2011). Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=S-QtbFaZjmw&ab\\_channel=psicanaliselacanianana](https://www.youtube.com/watch?v=S-QtbFaZjmw&ab_channel=psicanaliselacanianana)

7 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 01 - 30 , jan-jul. 2023. E-ISSN 2594-8962.

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.132010>

[...] quão produtivo e vibrante é o erro. Uma língua difere da outra e singulariza por seus equívocos; a diversidade das línguas se deixa apreender por esses sintomas que são homonímias semânticas e sintáticas. Esses desarranjos, essas confusões, essas auras de sentido que dificultam a tradução e que chamo de 'intraduzíveis' (não o que não se traduz, mas o que não para de -não- ser traduzido) são as impressões digitais das línguas.<sup>8</sup> (Tradução minha)

A língua organiza o mundo dos falantes em torno do que não para de não ser traduzido, do real como impossível de dizer. O inconsciente, suas formações e os sonhos também funcionam como a estrutura do significante. Em 1976, Jacques Lacan diz ao público no *Massachusetts Institute of Technology*, nos Estados Unidos, que uma linguagem binária, dualista, maquinaísta e dicotômica não dá conta do real que nos constitui e que é a prática da psicanálise que lida com essa linguagem, prática do dizer. A língua como estrutura binária não dá conta do real, da sexualidade do ser falante. Essa proposição dá o tom n' *O Aturdido*.

### **A *convertigem* na linguagem**

Começo com uma *convertigem* na linguagem do poeta francês Jean Genet, no jogo homofônico, na língua francesa, entre *L'Amour e La Mort* (*o amor e a morte*): "*Você disse 'o amor'? Eu entendi 'a morte'.*" Ainda é possível associar a isso a homofonia com *Le mot*, a palavra.<sup>9</sup>

Aturdir é termo presente na língua portuguesa brasileira e se refere a atordoar, deixar o outro pasmo, entre outras acepções.<sup>10</sup> Causar certa inércia no outro, enquanto para quem fala é o próprio dizer como ato. Nesse ponto, o Outro como ordem simbólica é barrado, torna-se insuficiente ao que foi dito. Em francês, Jacques Lacan escreveu uma amarração entre vertigem, tontura [*étourdi*, zozzo, tonto, baratinado] e conversar (*dit*, dito), criando o que chamo de "*convertigem*", um dizer que carrega o não sentido, contraponto à fala que carrega a associação simbólica para efeitos de sentido. Esse rearranjo das letras, essa nova composição de um significante é interessante por mostrar que da rigidez da estrutura significante se pode escrever novos significantes, onde a escrita é essa sobra, os restos que a linguagem vai

---

<sup>8</sup> "[...] *cuán productivo y vibrante es el equívoco. Una lengua difiere de otra y se singulariza por sus equívocos, la diversidad de las lenguas se deja aprehender por esos síntomas que son la homonimias semánticas y sintáticas. Esos desarreglos, esas confusiones, esas auras de sentido que dificultan la traducción y que yo lamo 'intraducibles' (no lo que no se traduce, sino lo que no cesa de -no- traducirse) son las huellas dactilares de las lenguas.*" (CASSIN, 2019 p.21).

<sup>9</sup> Retirado de *A Portrait of Jean Genet* - By Joe Bank. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=oA5ipq18tKA&ab\\_channel=TheWorldTodaywithTariqAli](https://www.youtube.com/watch?v=oA5ipq18tKA&ab_channel=TheWorldTodaywithTariqAli)

<sup>10</sup> Em uma obra como o *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, a travessia do Sertão é a realização desse aturdimiento em língua brasileira: a cada deslocamento, uma invenção na língua.

deixando e que o ser falante vai usando em seu favor: outra lógica, outra articulação de elementos no dizer por comportar exatamente esse ponto de torção, de ação com vertigem.

Com a entrada em cena dos objetos topológicos, suas linhas, suas superfícies e seus espaços, Jacques Lacan não propõe que nos tornemos matemáticos, topólogos e, menos ainda, renunciar à estrutura da língua e sua poética, pois sem isso não se constitui uma subjetividade. O que entra em cena é que diante da insuficiência do Outro como depósito de significantes, outros significantes precisam ser inventados pelo sujeito que ganha dimensão de ser falante. Ao dizer lógica matemática não se trata de uma escrita de fórmulas de letras em si, mas da lei que se mexida uma letra, tirada, recolocada em outro lugar a cadeia se desmonta, a fórmula [a forma ou o significante] vira outra coisa, além de um distanciamento da alienação dos sentidos, como mencionado. Isso é central na elaboração da lógica borromeana entre real, simbólico e imaginário, onde sem qualquer um atado o nó se desfaz, sendo, portanto, necessário um outro elemento que os mantenha enodados.<sup>11</sup> No seminário *De um Outro ao outro* (1968-1969/2008, p. 11), Lacan estabelece que: “A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem palavras”. Sem palavras fixadas, fechadas, inertes e submetidas ao gozo do Outro que determina os sentidos, como genitivo subjetivo. Por isso, troca o termo ‘palavra’ pelo termo ‘significante’. O psicanalista, que propôs a lógica simbólica para furar o imaginário da experiência analítica, avança no sentido de furar com o real a primazia do simbólico, onde é a própria lei a ser interdita, na medida que todo dizer realiza algo como uma negação no dito e não apenas entre ditos, como o vazio na cadeia significante: um traço no significante indiscernível que surpreenderia quem escuta.

N’*O Aturdito* (LACAN, 1972/2003) está marcado, mais de uma vez, que é a experiência analítica pelo analista e o discurso da psicanálise junto ao analisante e seu dito que faz esquecer o dizer e nos leva a supor a ex-sistência, o real, isso que existe de fora da língua como litoral dentro da linguagem. Não se trata de preterir o simbólico de lógica estrutural (cadeia significante) em nome do real e sua lógica do indizível, de impossibilidade, indemonstrabilidade, e incompletude. Mas de reconhecer que esse simbólico comporta um impasse e que a cadeia simbólica se equivoca. No avanço do real, a linguagem do

---

<sup>11</sup> Apenas a título de localização dentro do discurso psicanalítico, pois não é objetivo aqui abordar a questão borromeana, cujas elaborações em torno do nó borromeano se deram na sequência de *O Aturdito*, de 1972. O que se destaca é que nesse texto Lacan avança para uma articulação entre real, simbólico e imaginário iniciada no seminário anterior, *Mais ainda [Encore]* ensejando outra lógica de linguagem que permeará as elaborações posteriores.

inconsciente comporta um nãotodo (*pastout*) por conta da ausência constitutiva que não é passível de apreensão (objeto a).

### **Ausência não é falta**

*O Aturdito* (LACAN, 1972/2003) é uma escrita dos resíduos de condensações, sobredeterminações e ambiguidades, desnorteando a associação livre da seriação, do encadeamento do desejo e dos efeitos de sentido: é uma (des)associação como ordenação em torno do nãotodo. Lembrando o Édipo, Lacan (1972/2003) não faz objeção ao falocentrismo freudiano, mas extrai dele a lógica do conjunto todo. Em sua leitura, o Édipo é a articulação da castração e se acrescenta o fato de que esta não regula todo o campo do gozo, não regula todo o campo do corpo e nem todo o campo do sexo instaurando o impasse no simbólico diante do real que toca o significante fálico como significante mestre da relação entre saber e verdade: não há relação sexual, pois o gozo não é partilhável tal como o desejo na partilha dos bens entre sujeito e Outro. Esse gozo é desencarnado. Mesmo no que tange ao desejo, sempre se soube que ninguém carrega a fantasia de ninguém, mesmo fantasiando junto. Nesses termos, é que o inconsciente é estruturado como uma linguagem nãotoda. Dizer que a linguagem é nãotoda não é dizer que a linguagem é incompleta. A linguagem em todas as suas realizações verbais e não-verbais, pictóricas, sonoras e assim por diante, será suficiente aos anseios dos falantes desejantes, porém desde que se complete justamente por algo em falta estruturante, como nãotoda. Assim, é preferível que se diga de um simbólico impactado por impasses do que de um simbólico limitado. Esses impactos e impasses são os pontos de tensão, torção e criação impostos ao ser falante, pontos de atravessamentos. De que modo o ser falante se vira com a língua que lhe causa para se conciliar com o fato de que há algo em seu desejo inconciliável?

A análise é um dizer onde se articulam, se tocam e se sobrepõem real, simbólico e imaginário em torno da causa do desejo de cada um. Diferente de ser falação, diferente de ser fala vazia, diferente de narrativas soníferas, é o próprio lugar, na transferência, das transformações que se operam nesse dizer que escondido atrás dos ditos, e dos sentidos, mantém as significações em aberto pelas vias da interpretação que não é explicação. Aqui, vale mencionar que a cadeia de significantes cede o significante *Um* que não é algo a ser encontrado em análise: é um ponto mítico de sonoridade, do que inicialmente entrou nos poros de um corpo psíquico em constituição, em que o sujeito se depara em determinado tempo da análise. Algo como ele com ele mesmo, a dita revolução, pois o analista já cedeu de

seu lugar de suposto saber, passando a supor que o sujeito sabe do seu desejo no sentido de dizer sobre isso. Onde o analista cai desse dizer e vira resto, o ser falante se vê, pois a função do olhar se mantém implicado ali, restando ordenar em uma lógica irrepitível as questões sempre abertas do desejo.

Um dizer pode trazer a marca do real sem um centro de saber. Em “*Meu pai é que disse*” há um a ser morto por um sujeito que o sabe e que se sabe “*Criminoso*”. “*Criminoso*” é significante dito por alguém que pode se escutar ao dizer “*Me senti um criminoso fazendo o que meu pai disse que eu jamais não faria*”. A lei determina a impossibilidade de atravessar a própria lei. “*Criminoso*” por ir a um banco fazer um depósito que o levará para outro país é significante que desata o ser falante desse embaraço constitutivo, é a subversão pelo desejo do grande Outro perseguidor. Dizer-se “*Criminoso*” é o certo a fazer.<sup>12</sup>

Tipo de coisa que parece não fazer sentido. Real(mente) não faz sentido: o real mente nisso que se amarra e se realiza. N’*O Aturdido* (LACAN, 1972/2003) aparece como *ab-senso*, onde o não sentido não é a falta simbólica do desejo. Mas, ausência que marca uma existência não presente, esvaziada. Elucubrando em cima d’isso, o real não é a Pedra no meio do caminho escrita pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, pois a Pedra está lá, é coisa que está lá nomeada na poética e que faz deslocamentos significantes, como se vê ao longo do poema. O real é a Ausência escrita por esse mesmo poeta, não por acaso em um livro sobre o corpo, tal como a privação, a aquiescência, a negação e que está em nós:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.  
E lastimava, ignorante, a falta.  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta na ausência.  
A ausência é um estar em mim.  
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim. (“Ausência”, ANDRADE, Carlos Drummond de 1984, p.21)

Deixar a explicação e ir para a poesia: por conta disso, a poética será sempre o fazer com a língua mais próxima do inconsciente, mesmo que para escrevê-la tenha que fazê-la como letras matematizadas em torno do que não pertence a nenhum Outro.

## O sentido é traidor

---

<sup>12</sup> Os enunciados usados como ilustrações correspondem a fragmentos de falas e não a vinhetas clínicas já que este estudo não é um clínico.

Assim como as imagens, o sentido é traidor como nos mostra o pintor René Magritte no quadro *A traição das imagens* (1929), famoso pela inscrição de advertência de nosso engano “*Ceci n’est pas une pipe* (Isso não é um cachimbo)”.<sup>13</sup> Essa é a traição que *O Aturdido* se propõe enfrentar. Ao inscrever essas letras na pintura, o artista nos convida ao espanto da própria necessidade de advertência, como se tivéssemos esquecido que não somos imagem, que não somos essa unidade completa e ideal: o simbólico barra o imaginário. Nos discursos, é como se precisássemos dessa advertência, de que não somos um semblante, uma cópia, um sentido qualquer. Se isto não é um cachimbo, o que é então? O imaginário ganha um enigma reeditando a máxima significante de que a linguagem mata a coisa.

O campo psicanalítico pressupõe o inconsciente estruturado como uma linguagem: é a estrutura da língua, conforme os estudos de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson contemplados na estrutura simbólica suposta pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss que permitiram a Jaques Lacan ler os fundamentos psicanalíticos nos trabalhos de Sigmund Freud estabelecendo a distinção da articulação dos elementos de linguagem como estrutura que não é a patologia. De fato, são agenciamentos e variáveis nos elementos na linguagem como o Outro, o falo, o corpo, a voz e a fala naquilo que ela carrega o simbólico que estrutura o inconsciente, a combinatória significante. Ainda, como objeto a é o impasse do desejo do sujeito que a cadeia da língua e seu funcionamento anunciam pelo furo. Lacan (1968-1969/2008, p.30) volta à estrutura para tomá-la pelo que ela é, o próprio real: “A estrutura, portanto, é real. Em geral, isso se determina pela convergência para uma impossibilidade. É por isso que é real.” Assim, nas condições impostas pelo objeto a, passo a me referir ao que é fundamental na interpretação diante uma impossibilidade de toda fala. E essa é uma discussão que Lacan (1972/2003) estabelece n’*O Aturdido*, pois se o sentido é colocado em xeque em nome de significações ali onde o não sentido está posto na estrutura, como interpretar? É interpretável, correndo-se o risco de reordenar a convertigem impedindo que o ser falante avance atordoado?

Há muito que se diz sobre esse problema da interpretação frente ao real: o que é interpretar diante desse não todo se o dizer de um não completa o dizer de outro alguém? A saída é a tradução como forma e ressonâncias e não a interpretação como um fazer sentido no que foi dito? Interpretar um desejo em cena não estaria no escopo de dar nomes ao que se quer instrumentalizando a ideia forjada na parcialidade do objeto a. Assim, haveria o

---

<sup>13</sup> *La Trahison des images* (René Magritte, 1929), acessível na internet.

encerramento precoce do jogo de linguagem nas análises. O que traduzir para além das formações inconscientes, sonhos, metáforas e metonímias, pois a estrutura como real é por haver o não sentido, uma ausência, e não uma falta? Intérprete é diferente de tradutor, já sabemos. Lacan (1972/2003) propõe n' *O Aturdido* que diante desse impasse, o equívoco é o caminho na medida em que este não se enreda em um sentido, daí pensar que esse recurso da linguagem carregaria significações na transferência, indo do dizer de um ao outro.

A significação faz surgir um outro sentido que o analisante não ouvia em seu dito, são os ecos do real, uma novidade que nem ele e nem o analista apostavam saber. A interpretação toma lugar como significações – algo vai sempre dizer alguma coisa no que está interdito. Aqui o significante ‘interdito’ atua como a interdição aos nossos ouvidos imediatos, onde se reconhece ‘não saber o que disse’, diferente do que se dá no recalque, no esquecimento como efeitos da castração simbólica. Na interdição, a interpretação é ler os resíduos dessa escrita do inconsciente indiscernível de imediato, tal como uma tradução onde o ser falante se decide por um dizer. O significante ‘interdito’ atua como a marca estrutural da ausência: no dito, um traço engana e está no significante como marca da negação. Não é o entre significantes da cadeia simbólica, é o centro das torções que forma a articulação real, simbólica e imaginária do dizer. Uma marca de ausência é lida e o interdito continua interdito, valendo o que o ser falante faz diante dessa constatação de um aturdimiento constitutivo.

### **A interpretação**

A interpretação em psicanálise, ato do qual deriva a problemática do sentido e da significação do desejo, não é uma hermenêutica, não é uma técnica de explicar a fala do analisante. Essa interpretação, esse fazer significação pela via do equívoco, concerne a três modalidades nas formas das línguas (LACAN, 1972/2003): a gramática, a homofonia e a lógica. Desse modo, a interpretação passa a se ocupar do que não funcionaria nas línguas, pois se recusa às combinações na cadeia significante antigas, que passam a ser outras e imprevistas. Não funcionaria de acordo com as leis do significante, sua linearidade, sua arbitrariedade, sua sincronia apartada da diacronia, seus limites de sentidos determinados pela oposição binária entre significantes. Nessa lógica, o que se tem, na relação com o inconsciente, é o que Freud, Jakobson e Lacan leram como as formações do inconsciente: novos arranjos nessa estrutura – substituições, deslocamentos, condensações, metonímias, metáforas, sinédoques e todas as possibilidades poéticas da língua. Como deformação, esse lugar do interdito no dizer fica escondido em formas que vão se transformado em outras

ordenações, em outras contagens. Essa outra interpretação sobre as marcas do real no dizer do paciente é tratada n' *O Aturdito*.<sup>14</sup>

De modo geral, há uma cultura freudiana que faz com que se chegue às análises sabendo sobre “*meu pai e minha mãe*”. Desse Édipo como um saber pelas vias dos sintomas e do mal-estar que se esgota na forma da angústia, não basta ficar sabendo. O próprio Édipo foi avisado, mas a angústia e seu objeto com estatuto de ser sem posse, sem nome, sem imagem não engana no que nos afeta, onde um significante foi negado pela linguagem.

Equivocamo-nos com o saber, é o que o psicanalista francês escreve e reescreve n' *O Aturdito*. Aturdir-se como ato onde o ser falante se depara com um gesto de dizer, com seu gesto de dizer que perturba a certeza dos sentidos. Esse é o lugar do equívoco no discurso psicanalítico: desinfla esse discurso, desinfla o analista e dá nova direção ao ser falante e às coisas sobre seu desejo. Um equívoco é diferente de um mal-entendido, de um chiste, de um ato falho e de um lapso que estão no jogo das combinatórias significantes. Um equívoco existe pela ambiguidade nos sentidos, onde não haveria o centro de saber para determinar isso ou aquilo, cabendo ao ser falante se decidir pelo que disse, se decidir por qual forma da língua quer dizer o quê. Isso pode se ver em um fragmento de mal-entendido que se aproxima da equivocidade, mas se resolve antes, quando um homem diz a um médico, em contexto específico de consulta, que estava “*Dopado*”. Dizia sobre os efeitos colaterais das várias medicações que estava tomando. Ao que o médico escuta como “uso abusivo e deliberado de alguma droga”. Ao que o homem, confuso com essa possibilidade de sentido para o que disse, responde “*Dopado assim parece estar você, que não escutou o que eu disse*”. No que se refere à significação, esse buraco que se abre entre os falantes promove um deslocamento, uma transformação na cadeia de significantes furando a demanda e atualizando o sintoma por meio de um rompimento na repetição de sentidos possíveis: tanto médico como o homem não sabiam de algo no que diziam.

Nesse ponto, vale destacar que um dos efeitos do equívoco é fazer corte na repetição das narrativas em análise. A repetição é o modo mais contundente que o inconsciente tem de nos dizer que algo não vai bem. Seja a repetição no discurso ou a repetição no corpo, pelas vias dos sintomas. No discurso, importa sempre não o que se repete, mas a repetição como funcionamento em uma cadeia truncada. Atentos, podemos escutar que o que se repete é a

---

<sup>14</sup> Soler (2012) lembra que o que Jacques Lacan constrói em 1972 sobre uma interpretação que leve em conta o real já havia sido traçada desde a função da fala e campo da linguagem, em 1953 e perpassado várias elaborações posteriores.

estrutura onde o analisante vai alocando as palavras da vez nas mesmas posições sintáticas, como se fosse um roteiro a seguir: começa com “*Essa semana foi difícil*”. Segue-se com os mesmos conflitos e as mesmas personagens. Alguns pontos de tensão na narrativa. O drama cada vez mais sofrido. E, ao final, estabelece numa sentença uma associação com a primeira coisa que disse. Num tempo e espaço discursivo [e figurativo] como esse, o analista espera pelo equívoco, onde o ser se atrapalha nesse roteiro, um significante escapa dessa seriação e ele se vê obrigado a improvisar no divã. Por vezes, o analista se antecipa e provoca num gesto essa torção, seja por meio de um grande e sonolento suspiro, seja pelas onomatopeias afetivas como o clássico da incerteza *hummm*, ou pelo retorno de um significante que decantou da falação. Não existe técnica para lidar com o inconsciente como experiência de linguagem, além da escuta advertida da traição dos sentidos e dos semblantes. Se não, vejamos: ao invés de dizer *hummm*, o psicanalista dizer *uhum uhum* ou *aham aham*, ele estará num acordo imediato com o sentido que o analisante coloca. Esse tipo de acordo, durante uma análise, só serviria para reforçar a potência imaginária do sentido refletida pelo outro.

A regra nas análises, que deve ser tomada como provocação e não como lei, é escutar de novo essa história, escutar a cada vez essa história como nova. Não há análise sem repetição e a repetição da repetição aponta para um impasse na estrutura. Mas é nessa insistente reescrita de si como se fosse outro que se torna possível enfrentar esse impasse que toma forma de equívoco e que diz ali onde o sintoma fala. É como o impossível de dizer comparece, o nada ocupado pelo objeto a, usando outro significante no fantasma de cada um: um breu entre o sujeito e seu desejo. A resposta do analista pelo equívoco não é apenas jogar com o sentido, mas operar com o corte. Esse corte tem mais a ver com o modo como o analista responde, sem floreios. Isso diz mais sobre uma exatidão na contagem das palavras a serem usadas do que de uma dureza nas palavras que retorna aos ouvidos do analisante. O analista depura e decanta a narrativa, se aproximando cada vez mais desse inconsciente que equivoca.

Lacan (1972/2003) se refere ao ser falante como aquele que carrega o que se sabe, consigo: ser-se [*s’être*] que seria uma subjetividade absoluta. É o falasser [*parlêtre*], que aqui venho nomeando de ser falante, aquele que comete muitos equívocos, onde sua meia verdade fala como o equívoco. Esse insistente enunciador se equivoca. Há no equívoco um *malentendido* que precisa ser sustentado no dizer, é uma questão ética e, por isso, se diz que o ser falante está implicado no que diz e não está a fim de explicar o que disse e foi mal-entendido, interpretado pelo outro. Esse novo significante que aparece n’*O Aturdido*, 15 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 01 - 30 , jan-jul. 2023. E-ISSN 2594-8962. DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.132010>

*malentendido*, vem sem a divisão entre os termos visto no *mal-entendido* do dizer que sempre foi caro à função da palavra na análise, porque toda palavra carrega esse mal que é entendido, que causará uma agitação nas conversas. Mas, diante do equívoco, essa divisão se perde e se tem um significante sem significado onde se conjugam os males de ser falante e que se é, não mais apenas quer dizer: é dito e feito.

### **De onde começa uma análise?**

Uma análise começa do lugar na linguagem onde habita o ser falante, indo do ‘*com quem falar [de si]*’ na análise para um ‘*se falar*’. Lacan (1972/2003) nomeia como *aesfera*, um se fazer no dizer. Esse ponto é interessante para não perder de vista a língua como necessária e contingente na análise: é preciso criar um novo significante para dizer de uma nova condição subentendida, essa que carrega o *malentendido* como raiz de sua árvore geradora das palavras que um ser vai usar para falar de si, de uma língua muito própria. Contudo, esse significante é criado sem que o sujeito o nada saiba dele. Em termos da língua do inconsciente, equívoco não é erro: não há erro na gramática do inconsciente, pois o certo é dizer e o equívoco é o que diz.

Como romper com a lei máxima, na paranoia, escrito no enunciado “*Foi meu pai que disse*” senão pelo significante “*Criminoso*” com o qual o analisante se sabe, se identifica como subversão diante do Outro? A interpretação *n’ O Aturdido* está atrelada à questão da transferência e se dá pela pontuação, o corte, o semidizer, a alusão e o equívoco. Ler metáforas sempre foi ler as combinatórias significantes, mas agora: “*Todos os lances são permitidos*” (LACAN, 1972/2003, p.493), pois os significantes se descombinam em algum lugar do dizer, onde podemos retomar de outro lugar que o analista é livre quanto ao momento, ao número e à escolha de suas intervenções e associações (LACAN, 1958/1998). Mas, nessa interpretação o analista deve saber onde o analisante o coloca na transferência. No enunciado acima, o perigo de que o significante “*Criminoso*” seja escutado ao pé da letra na psicose é grande, como se fosse cumprir uma ordem do Outro, sem fazê-lo barrado. Desse jeito, não seria dá ordem da subversão pelo desejo de ir-se embora para outro país, mas a realização do destino trágico anunciado pelo pai persecutório. O analista não está nesse lugar.

A interpretação incide sobre a causa do desejo e isso não é nomear o que o analisante quer, o que vai fazer, comprar, ter, para onde vai, podendo consolidar as fantasias do sujeito em relação ao seu lugar na linguagem. No enunciado “*Você deveria procurar um psiquiatra para tomar alguma medicação que te ajude a falar durante a sessão*”, além do próprio

desaparecimento do analista como função, reforça a condição melancólica de alguém que, em determinado momento, não tem o porquê dizer de si e insistir em ser falante. É preciso frustrar as evidências das identificações imaginárias e simbólicas, senão um dos efeitos de interpretação seria levar o paciente a se perguntar algo do tipo “*O que ele quer me dizer sobre isso?*” ou o analista perguntar “*Isso que lhe disse [a interpretação] faz sentido para você?*”. A solução para os enigmas das significações e do desejo não se responde ao Outro, pois são enigmas para si mesmo. Diferente de Édipo, para quem a Esfinge fez a questão sobre seu desejo (ser rei? ter a mãe? o que dá no mesmo), o ser falante faz suas questões para si mesmo, o que acontece é que às vezes ele não se escuta, nascendo aí o lugar do analista. Trata-se de deixar aberto o fazer questões, funcionamento que vai deixando resto: em análise, o que se escreve se escreve pelos resíduos do que vai sendo dito.

Expressões como “*Fiquei pensando no que você disse*” ou “*Fiquei pensando no que queria dizer, mas cheguei aqui me esqueci*”, ou “*Você disse isso*”, afirmando não o que escutou, mas o que o analista teria dito e “*Não sei o que disse*” configuram o descombinado entre o inconsciente, a língua e o eu pensador, ponto onde se localiza o *malentendido* do “*Isso eu não sei*”. Ou, “*Isso, eu não sei*”.<sup>15</sup> Essa escrita sem alternância, sem concatenação entre os significantes mal e entendido é junta ali onde haveria a intersecção de um sentido: substitui-se esse sentido que resolveria o mal-entendido por um significante outro, equivocado a manter o *malentendido*. O mal escutado é onde se compreende alguma coisa.

N’*O Aturdido* (LACAN, 1972/2003), a interpretação incide sobre a causa do desejo e como ato faz corte no “*quero isso*”, instaurando uma interrogação nesse querer. Boa definição para desejo: o desejar como esse querer como interrogação e não como afirmação. Os nomes parciais para o objeto a se esgotam, sendo necessário a invenção de significantes. Nesse ponto, a causa é revelada pela demanda que só faz se envelopar pelas gramáticas modalizadoras, usando termos que apontam para o ser e seu desejo. A língua se institui como uma aderência ao lugar deixado vazio, sem impor-se como sentido. As formas se sobrepõem, mas não se eliminam, não se substituem. São os ditos interrogando o dizer, embrulhando esse objeto com as formas da língua nas dimensões real, imaginárias e simbólicas. Esse empacotamento do desejo pelo dizer se realiza na análise, enquanto um dito por retornar pode ser trazido para outros fins como no proferimento “*Minha casa é sempre impecável. Mas, nessa época, é mais impecável ainda*”. A marca do que não se realiza diante do peso da

---

<sup>15</sup> “*Isso*”, homofonia entre o pronome demonstrativo do português brasileiro e a tradução alternativa para o *Ça* em francês e para o *Es* em alemão e, outrora, *Id*, em português.

palavra do grande Outro a que se dedica um obsessivo é envelopada em torno do significante “*impecável*” num circuito gozador de sofrimento. Assim, vamos da fala para o dito que não vai sem o dizer, reiterando o real na língua, impossível de dizer.

### **O ser se modaliza quando fala uma língua**

Na lógica modal, o sujeito se interroga o que quer e pode-se escutar a assertividade em “*Eu pensei em fazer coisas como artista, agora vou fazer, por isso vou terminar a análise antes de ir embora*”. Toda interpretação, como dizer do analista, carrega um enigma: naquilo que o analisante diz sobre o quer, esse querer só adentra na dimensão do desejo caso uma interrogativa se sobreponha sobre a afirmativa, onde o tom da palavra dita passa a ressoar como dúvida. Se esse ritmo não se alterna, havendo uma rigidez na entonação desse dizer, perde-se de seu desejo o analisante e o analista também esse enigma, encerrando assim essa condição de desejar sem que a análise termine. Podemos ver isso na modalização apofônica, onde a troca ou a alternância de tonalidades entre vogais carrega uma modificação no som da fala, transformando, por exemplo, uma afirmativa em uma interrogativa na repetição, aspecto de evolução da língua como na formação languageira *tok tic, tik tok*, ou num enunciado do tipo “*Eu não sei por que estou com ele. Eu não sei por que estou com ele?*”. Neste, só restaria ao analista apostar que essa apofonia do analisante terá feitos diacrônicos, marcando essa passagem da certeza para a dúvida.

A lógica modal na língua interessa ao analista como o modo pelo qual cada um fala de si, o contraste entre o que se fala, com quais palavras se enuncia, o tom e o som das palavras, e em que ritmo se enuncia. Por vezes, o dizer do analista como intervenção na transferência incide sobre esses aspectos e não no conteúdo das palavras. A proposta de lidar com as significações e dimensões do dizer passa por essa modalização que também vale para as intervenções do analista, na medida em que destituída de sentidos antecipados podem escrever outra possibilidade de dizer sobre o que o analisante disse. Aqui, caberia a questão de saber se a escuta do analista, no cotidiano da clínica, está habituada a escutar as distinções tanto sociais, regionais como estruturais entre os falantes que chegam? Caberia perguntar, também, se o analista escuta as dimensões universais, singulares e particulares do português brasileiro, ou toma essa língua como falada de um só jeito por todos os analisantes crente que todos os significantes funcionariam do mesmo jeito?

Para o psicanalista, todo ser falante fala mais de uma língua dentro da própria língua que vai de materna, aquela dos primeiros significantes, passando por uma língua de

autoridade simbólica, a língua do pai. Essa língua do pai tem um peso de repressão, enquanto a materna tem peso de alienação, mas deixando traços que possibilitam ao ser falante atravessar a língua do pai, tomando-a para si e fazendo outra língua. Tal como o colonizado faz com a língua do colonizador, toma-a para si e vai adiante. A língua é uma transmissão simbólica e não uma transmissão biológica, para o analista. A língua de cada um é um legado do Outro como campo da linguagem, um legado do qual o ser se apropria como falante, como desejante, o que Freud leu, não por acaso, em um escritor da envergadura de Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832): "Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu" (GOETHE *apud* FREUD, 1996/1913, p.160). O tesouro de significantes que herda do Outro, conquista-o para torná-lo seu e vertê-lo nas palavras de si mesmo. Interessante lembrar de outro poeta, de Reiners Terron (2017) nos informando que escrever acaba com famílias. Escrever subverte as estruturas, transforma estruturas. O que se passa também nas análises.

Na clínica, há uma confusão de línguas em determinado momento, como no “*Quem disse isso? Eu? O analista? Semana passada você me falou algo que fiquei pensando a semana toda. Falei?*”. Essa confusão gera um estranho desconforto, desencontro, o *malentendido*, lugar da intervenção no dizer, não se tratando, portanto, de esclarecer o que se disse, porque está dito. Esse efeito de estranhamento é um ponto nodal na transferência, pois esse obscuro impõe uma escolha ética nas operações de fala: corre-se o risco de manter a posição de alienação ao chegar a um comum acordo no que foi dito, tamponando esse lugar de afãise, da suspensão de sentido que permite ao ser falante separar-se do peso da palavra do Outro, por isso que ele escutou mas sem se implicar no dizer. A interpretação só é intervenção psicanalítica se surtir efeitos no depois, pois como ato tende a suspender o recalque ao invés de produzir mais e mais sentidos e, assim, o analisante ‘pensa’ algo que não pensaria antes, ou comparece onde não pensa, se distanciando de tornar consciente o inconsciente. Como intervenção pelas palavras, mantém o funcionamento inconsciente justamente para desembaraçar os embaraços de um Eu exausto de pensar, onde a língua não chega para organizar o caos, pelo menos aquela da falação da superficialidade das narrativas e do engano dos sentidos.

### **Os lugares da interpretação**

As interpretações passam pelo tempo lógico de articulações nas análises onde os envolvidos ali vão alternando posições de ver, de compreender e concluir, de passar a outra coisa. Assim, existe um rigor na escuta mas não uma rigidez no que escutar. Esse lugar vem

marcado no dizer, em algumas situações, como algo que se situa na fala como lugar possível de intervenção, conforme se elabora n’*O Aturdito* (LACAN, 1972/2003).

Martinho (2012) delimita os lugares da interpretação dentro do arcabouço teórico lacaniano, se perguntando o que pode o analista diante do real que não o dizer nada, situando a interpretação como tática na transferência. Dessas delimitações, faço algumas articulações lembrando que a execução está a cargo do estilo e escolha do analista, não cabendo “pontuar assim, cortar assim”.

O primeiro lugar da interpretação é o da pontuação na fala. A ausência de pontuação introduz a ambiguidade, ali onde deveria ter sido fixado um sentido por uma afirmação ou uma interrogação, uma vírgula intercalando comentários e explicações do analisante dentro do próprio dizer. O que o levou a essa interrupção da associação? Por que nesse ponto do dizer? Ainda, a alternância entre pontuações aponta para tensões no dizer demarcadas no ritmo das falas, no paradoxo entre o que se diz, o conteúdo, e o modo como se diz e não se escuta de modo qualitativo e nem pré-definido. São as modalizações referidas. No manejo do analista, introduzir uma dúvida pelas torções interrogativas ou enfatizar algo pela exclamação reinsere uma possibilidade de sentido avançando sobre a certeza do analisante ou introduz um momento de decisão na dúvida. Às vezes, um suspiro no entremeio de um descarrilhamento agitado de significantes ressoa na agitação verborrágica. Pontuações marcam um sentido, marcam a intenção do falante, marcam o ritmo, marcam o começo e o fim de uma história e o analista lançaria mão desses elementos da língua tensionando a fala do analisante, sua intenção, seu ritmo e o sentido.

O segundo lugar da interpretação é o do corte. O corte, oposto à pontuação, é justamente o não sentido – o deixar vazio. O analista tem a prerrogativa do corte se intrometendo na fala do analisante. Cortar o analisante no meio da frase opõe-se à pontuação e ao excesso de sentido, introduzindo o não sentido, a falta na concatenação da fala. À primeira vista cortar a fala de alguém, interromper quando alguém fala, é anti-psicanálise. Não se barra a fala de alguém no sentido de não deixar falar. Toda barra, no discurso psicanalítico, é intervenção no impasse do simbólico desencadeando outros arranjos. Cortar não é talhar. Talhar é fazer cortes de tal modo que se crie outras formas desatadas e cortar é algo como passar pelo meio fazendo um furo, atravessar as formas maciças da fala. Nesse ponto, dá-se uma espécie de cruzamento entre a fala do analista que atravessa e corta a fala do analisante, de modo inesperado. A escuta desse ponto de inibição, paralização é do analista e não haveria como ser prevista. Esse ‘corte’ é para introduzir o ser falante em outra dimensão

de seu dizer, realizar uma torção no infinito plano da repetição na cadeia de fala fazendo surgir o intervalo entre significantes na cadeia combinatória. O corte só é sabido por meio de uma perplexidade e, muitas vezes, de desagrado do analisante e pode ocorrer como um gesto onde um dito toca o analisante fazendo-o deslocar-se para outra posição na linguagem, que ele, até então, não estaria muito a fim.

O terceiro ponto de interpretação é o semidizer. Considerando que a estrutura da interpretação é um saber como (meia) verdade, o discurso do analista se localizaria entre o enigma e a citação, um dizer e não dizer. Essa citação refere-se a destacar algo que o analisante diz, colocar entre aspas, mas sem desvelar o enigma. É implicá-lo no que disse. Seria mais ou menos a conversa do Sr. K com um dos guardas, no livro *O processo*, de Franz Kafka, onde ele pergunta sobre a sua culpa no que ele nem sabe que está sendo acusado. O guarda responde que ele não é culpado, mas que aquilo tem a ver com ele. A diferença é que análise não é um processo judicial, embora tenha algo de kafkaniano.

Por vezes, um significante aparece ao longo de toda a narrativa de uma sessão de análise em contextos linguísticos diferentes. Todavia, esse aparecimento é o centro da repetição e aponta que algo ali insiste. Ao dizer “*Estou numa relação travada*”, “*Fico travada quando estou com raiva*”, “*Travei a porta para ele não entrar*” se escreve um enigma dito por alguém cujos sonhos giram em torno de viajar o mundo: tantos nos sonhos diurnos em viagens planejadas e pagas, mas que por algum motivo costumam ser canceladas, como nos sonhos noturnos que às vezes se apresentam como sonhos de angústia, sem conseguir acessar um portão de embarque ou “*presa na chegada por não ter visto de entrada*”. Ao escutar o significante “*entrada*” destacado pela analista, foi possível desencadear uma cadeia quase poética entre *travada*, *amarrada*, *entrada*, *parada* e um ato falho bem-sucedido em “*Estou terminada nessa relação. Disse determinada. Eu terminei essa relação.*” A mudança na gramática do sujeito é a mudança na posição do sujeito se conciliando com o que supõe de seu desejo.

O quarto lugar da interpretação é o da alusão. Aludir é designar sem nomear, oposto da citação. O recurso da alusão é interessante para mostrar a heterogeneidade como constitutiva de todo dito: o Outro sempre comparece como estranho e a isso se faz alusão de modo indireto e breve, enxuto, sem entremeios. Essa alusão é a retomada do que foi dito, incide na sincronia do dizer e não conta com rememoração. Seria, também, um recurso de corte. A

alusão conta com própria condição de divisão do ser falante, do funcionamento do inconsciente e é um recurso inventivo em relação à rigidez estrutural de funcionamento.<sup>16</sup>

Neste ponto, parece justo sustentar que a interpretação em psicanálise configura um gesto de leitura: ler sonhos, ler formações do inconsciente, ler equívocos, pois o que se tem é uma escrita de formas e funcionamentos estruturais da linguagem.

### **A interpretação do que não se predica, ou O equívoco é o que funciona na linguagem**

Dessas modalidades de interpretação, sempre afastadas do ‘fazer sentido’ e aproximadas do ‘inventar significações’, a convertigem causada pelo que escapa ao simbólico e seus significantes e à consistência do imaginário, pelo real, impõe uma escutaleitura das formas demasiado estranhas e demasiado familiares no dizer do analisante. N’*O Aturdido* (LACAN, 1972/2003), o equívoco é esse outro lugar da interpretação, pois considera a pluralidade de sentidos, a polissemia e a ambiguidade sem que o analista decida por um ou outro sentido, deixando a via aberta para significações à disposição da decisão do analisante. Essa é a decisão do ser falante imposta pela nova poética, a amarração entre real, simbólico e imaginário em torno do impreenchível, do objeto a. Ante o desfiladeiro de significantes, o ser falante se decide por um. O equívoco não sugere, não impõe a maneira de ver do analista. O analisante fica no aturdimento do não sentido, entre o dizer e o gesto do analista: “*Sonhei que eu, meu irmão e minha estávamos debaixo de uma árvore, em pé, os três vivos. Eu e meu irmão estávamos enterrando minha mãe embaixo da árvore.*” Onde a interpretação se limita a algo como “*Vocês enterraram sua mãe viva!*”, interrompendo o deslocamento e a condensação dos significantes do sonho, designando o lugar reservado ao Outro. Tarde demais o analisante dizer “*Não foi isso que eu quis dizer*” ou “*Eu não quero matar minha mãe*” para resolver a interpretação equivocada do analista. O inconsciente não existe como erro na gramática do sujeito.

São três os tipos de equívocos que Lacan (1972/2003) coloca a serviço da interpretação, dentro do discurso psicanalítico que agora trata do significante asemântico, fora do sentido, portando, concernente ao real: a homofonia, a gramática e a lógica. O

---

<sup>16</sup> Marinho (2012) e Soler (2012) lançam mão da referência de Jacques Lacan no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998, p. 648) para elucidar a função da alusão na interpretação a partir do “dedo erguido de São João, de Leonardo”. No quadro “São João Batista”, de Leonardo da Vinci, o significado do dedo do santo apontando para cima é insolúvel. Aponta para o lugar do real no inconsciente estruturado como uma linguagem desabilitado de significantes. Esse apontar para o indiscernível precisa ser mantido na interpretação. A significação e nem o sentido preenchem esse lugar e, por isso, algo de nada a dizer também comparece numa interpretação psicanalítica.

equivoco é apofântico da interpretação. Isso quer dizer o quê da interpretação? Jacques Lacan equivoca: como a letra que carrega o nada de sentido pode vislumbrar, aludir o desejo do ser falante? A interpretação como um enunciado verbal pode ser falsa ou verdadeira, duvidosa e esclarecedora. Nem isso e nem aquilo: esclarece o sonho e instaura a dúvida em relação ao desejo.<sup>17</sup> Versão topológica para o fato de que as línguas mudam sem mudar devido a um funcionamento nascido para gerar e inventar outras formas, outros usos.

A homofonia como ambiguidade fônica marca a posição, no dizer, de um para além do corte que destaca um significante na cadeia. Essa suspensão do encadeamento fônico é sobre o que se destaca da cadeia de fala. Ali, do vazio da cadeia significante, algo de uma sonoridade estranha é dito, é criado: é o fazer Um significante de cada analisante na estrutura da língua, é a loucura do inconsciente, elocubração de lalíngua, como se diz, e o ser falante vai decidir do que se trata isso que advém na declaração do analista. O manejo do analista, na transferência, corresponderia ao seu ato de fala, ato do analista cuja força enunciativa reverbera sobre o analisante e não como desvelamento de um sentido. Esse ato instaura outra direção na ordenação do inconsciente, no jogo das dimensões do dizer em torno do desejo. Lacan (1972/2003) vai colocando esse funcionamento equivocado à medida que profere seu discurso como em *paraitre/parecer – parêtre/para ser e palêtre/falasser*, mostrando que o ser falante nasce de um equivoco homofônico na articulação significante.

O equivoco gramatical está relacionado ao dizer o mínimo do analista, lembrando da submissão da gramática ao funcionamento da estrutura. Nesse ponto, o uso que se faz das palavras no dizer não corresponde a negações, arbitrariedades, atos falhos, lapsos: “*Eu não o faço dizê-lo*” instaura um equivoco entre “*você o disse*”, “*eu não assumo isso*”, como mostra Martinho (2012) retomando *O Aturdido*. A intervenção é sobre o ato do dizer apontando o real para o sujeito, reeditando o ato de São João Batista. Ainda, uma esquivia desse tipo de interpretação seria “*Não foi eu quem disse, foi o outro*”. Mais que convocar o sujeito a dizer, pois a associação na fala está operando de algum modo, esse equivoco marca o lugar do analisante no que diz. Na clínica, importante torção na medida em que o analisante se desloca da culpa, dos recalques, das escolhas morais e se dá conta que aquilo lhe condiz por tê-lo dito, está implicado no dizer e não restrito a ser efeito da cadeia significante, sob a força e o peso

---

<sup>17</sup> Etimologia: *Apofântico* vem do grego *apophantikós*, do verbo *apophaino*, “pôr às claras”, “aquele que determina, que declara”, de *apophainein*, “mostrar, tornar conhecido”, de *apo-* mais *phainein*, “exibir, mostrar”, de *phos*, luz. É um adjetivo usado pelo filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) para qualificar um enunciado que poderá ser considerado verdadeiro ou falso, dependendo se descreve corretamente ou não o mundo real. <https://hridiomas.com.br/origem-da-palavra-apofantico/>

da palavra do Outro. Também, não adianta ao analisante concordar ou discordar, não se está mais nessa ordem de fala, do mal-entendido. Para o analista, é onde escapa da armadilha do lugar de saber, afinal esse lugar é lá para onde o dedo do santo aponta.

Um equívoco é algo difícil de classificar, portanto de qualificar, de quantificar e de descrever, como o real e o inconsciente e, daí, a ironia de Lacan em uma definição aristotélica de equívoco como apofântico. Mas, é a reiteração de que o sujeito do desejo é não determinado pelas formas imaginárias e simbólicas isoladas como signo, fora da estrutura que as forjam. O fato linguístico de que toda forma de linguagem comporta uma não-forma, um não-todo está muito bem elaborado na expressão “não há relação sexual” (LACAN, 1972/2003). A cor dos cabelos de alguém, as roupas que veste, as palavras que usa e seus sentidos não garantem nada sobre o desejo desse alguém. O efeito constitutivo de um equívoco é justamente que cada ser falante valide esse dizer interpretativo quebrando a força de que o grande Outro, uma autoridade linguística, valide o que disse. Essa autoridade é, por ser do campo da linguagem, não-toda e inconsistente: os sentidos não estão fechados e na consistência imaginária há falta de um pedaço.

### **O equívoco é poético**

Um equívoco seria uma licença poética, aquela liberdade do poeta de utilizar construções, prosódias, ortografias, sintaxes em desconformidades às regras de uso habitual, para atingir seus objetivos de expressão. O poeta é livre no funcionamento da língua, mas ainda submetido à autonomia dessa estrutura, tal como o libertário chiste. O equívoco é outro tipo de poética: é um fazer com a linguagem e suas formas, mas sem pedir licença, confrontando esse próprio funcionamento estrutural, abalando essa autonomia estrutural. Seria até mesmo possível considerar que a distinção entre signo e significante se dissolve.

Soler (2012) faz ver o porquê de Jacques Lacan operar pelo equívoco e o poético que se estruturam como resposta ao real. A autora reitera, de modo mais amplo do que este recorte, que o inconsciente se realiza pelo equívoco e que n’*O Aturdido* o “que se diga” não é da ordem do signo linguístico do significado sobre o significante e é função do equívoco instaurar essa estrutura, função do gozo significante levando em conta que o real marca o impossível do simbólico, portanto da interpretação como fazer sentido.

O poema *Indivisíveis*, de Mário Quintana, apresenta o seguinte verso: “*Meu primeiro amor sentávamos numa pedra*”. Nesse primeiro verso do poema se escreve uma subversão da concordância verbal, pois esse verbo conjugado na primeira pessoa do plural não está de

acordo com o sujeito da oração “*Meu primeiro amor*”, no singular. Mas, essa concordância ocorre com o *nós* do par amoroso infantil, indivisível e implícito no poema. Assim, toda licença poética está mais para subversão poética, subversão pelas vias do desejo. Se uma vírgula fosse colocada depois de “*Meu primeiro amor*” toda a significação desse primeiro amor eternizado no par amoroso do poema seria apagada, impondo outra história, como uma rememoração a um interlocutor, esse vocativo isolado, separado do ‘nós’. Não à toa, em algumas versões, resolveram o equívoco gramatical com “*O meu primeiro amor e eu sentávamos numa pedra*”. A elisão do sujeito, seu desaparecimento no tempo indivisível do amor, é tamponada no poema com o *eu*, o que é contrário ao efeito esperado pelo poeta de apagamento do chamado eu lírico articulando com o fato de que esse primeiro amor se escreve no passado. Essa ocorrência, facilmente encontrada na internet, adverte, a nós psicanalistas, o quanto uma interpretação não é para solucionar um equívoco, rearranjar a sintaxe do ser falante e menos ainda, forjar sentidos e introduzir palavras numa frase proferida. Na análise, o tom, a entonação e a prosódia são o lugar de realização desse equívoco gramatical. Um equívoco revela o dizer que está atrás de um dito.

O significante “*Cálice*”, na música homônima de Chico Buarque de Holanda, é equívoco gramatical, e como todo poema subverte a posição dos elementos, rearranja as relações entre os significantes, e é homofônico, onde para todo falante do português brasileiro, a homofonia *Pai, afasta de mim e se cale* é constitutiva de nossa língua, para colocar aqui o mínimo desse efeito no poema: “*Pai, afasta de mim esse cálice, pai/ Afasta de mim esse cálice, pai/ Afasta de mim esse cálice /De vinho tinto de sangue.*” Sem levar em conta toda a história e interpretações possíveis da música, o significante “*Cálice*” localiza a angústia no dito, um calar-se de todo poeta, ser calado, assim a interpretação não é para desfazê-lo, pois é onde diz.<sup>18</sup> O poeta nos mostra como lidar com esse aturdimiento, com essa convergência, em outro lugar do poema: “*Esse silêncio todo me atordo/ Atordado eu permaneço atento/ Na arquibancada pra a qualquer momento/ Ver emergir o monstro da lagoa*”.

### **O último dos equívocos, a lógica**

As relações estruturais na linguagem têm lógica. São articulações entre elementos que ressoam como equívocos para os ouvidos que pouco escutam, e cujo efeito é o do equívoco na

---

<sup>18</sup> <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45121/>

lógica (LACAN, 1972/2003) e tem a ver com a língua como esse dizer sobre um objeto que é impossível de dizer. No jogo prazeroso entre significantes, algo além escapa e ressoa no ser falante, incomoda, faz cócegas nesse corpo que habita a linguagem. Essa ocorrência linguageira do inconsciente é aquele ponto onde não faz mais sentido fazer sentido, dar um sentido. É o lugar onde a parcialidade das pulsões se esgota, onde o “*quero isso ou aquilo*” dá lugar a uma decisão não resolutiva, mas de outra coisa. A consistência imaginária, em sua importância, portanto a fala, ganha a marca de que há um impossível de dizer, inominável, como efeito das impossibilidades do real e o que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve, – marcando o real como esse subjuntivo que esconde o dizer, isso porque o ponto de origem da linguagem é inacessível fora de um mito, de um poema, de um dizer, de uma metáfora como a ideia de um órgão de linguagem (LACAN, 1972/2003).

A interpretação consistiria em evidenciar que aquilo que é dito não tem o sentido imaginado por aquele que diz e nem escutado pelo analista. A lógica impede que a interpretação seja imbecil por meio de seus paradoxos e equívocos. A partir do real, a interpretação é deslocada da lógica edipiana onde existe o centro de um saber, um sentido organizado, para a exceção que marca outra posição no dizer: ser a exceção. Interpretar não é que alguém venha dar o sentido, revelar o inconsciente e os recalques imaginando “*O que foi isso que ele disse?*”. Interpretar é possibilitar que o sentido está muito próximo dos significantes que estruturam o inconsciente, onde o desejo é sua interpretação, onde interpretar é desejar. O significante “Interpretar” revela-nos que o desejo é o que o ser falante encena, monta, desmonta, reorganiza, ordena, transforma, troca: é uma atuação no dizer cujo diretor é o real e quem nela está é o ser falante. Rompe-se com o universal e com o singular das estruturas, não como preterimento, mas como um ir além disso que me foi dito e transmitido como língua. O impasse lógico é o lugar dessa outra língua que dá conta de que haja cortes que modificam o discurso e transformem a estrutura que ele acolhe. A interpretação do analista se esgota no fim de análise justamente porque os equívocos mostram que o ser falante ao falar agora se escuta, pois essas formas de dizer ressoam nele (e dele). Ele, então, deixa a língua do Outro para falar uma língua própria entre tantas línguas.

A linguagem introduz o impossível, o trauma. Isso seria o universal da linguagem que estrutura o inconsciente. Nessa lógica, inconsciente e linguagem são indivisíveis, usando o significante do poeta e, nessa articulação, escrevem um querer dizer na interpretação, um resto de linguagem, pois algo resiste no sintoma à toda interpretação, o que Lacan (1975-1976 /2007) vai chamar de *sinthome*, e sobra para o sujeito fazer com isso, um fazer amoroso onde

não há relação sexual.<sup>19</sup> O efeito dessa interpretação por equívocos é o que os psicanalistas nomeiam de mais-de-gozar, pois se chega a um ponto que supor saber não basta: “*Isso de que não acaba é o que me encanta. Mas, depois eu sofro.*” É o corpo adquirindo voz pelo inconsciente estruturado como uma linguagem não metaforizada, onde há um enigma real não preenchível, não solucionado por nenhum significante, não simbolizado por nenhum falo, mas escrito nas letras que restam das narrativas.

### **Considerações Finais**

A psicanálise avançada da perspectiva de Jacques Lacan nos informa que o real inscreve o peso de um enigma impossível de ser respondido na linguagem. As análises, como geometria do universo dessa linguagem, é campo privilegiado de investigação de como as línguas escrevem esse mistério insolúvel da linguagem. Diante do aturdimento e das convergências causadas por esse mistério, o analista tem à sua disposição formações e deformações do inconsciente e o equívoco comparece como o ponto exato de se impedir um fechamento, ao mesmo tempo que termina uma questão e abre para outra. Muda-se o modo de lidar com os impasses na linguagem. Ademais, a interpretação não prevalece como ‘*um fazer ser sentido*’ e se impõe como ler e traduzir o que se escutou do que foi dito pelo analisante, onde dizer nada não é silenciar, mas dizer sem palavras, num discurso que ressoa significantes onde o nada corresponde a deixar vazio a imposição de um sentido. O equívoco aparece para não se deixar perder de vista que a linguagem, a fala, a língua e discursos são indissociáveis da hipótese do inconsciente para a psicanálise e esse é ponto da conversa entre psicanálise e estudos da linguagem.

A clínica psicanalítica, sua escuta, sua depuração de significantes, sua construção de discursos mostra que ignorar isso corresponderia a ignorar a própria linguagem forjando ilusões teóricas e descrições enganosas da linguagem e suas formas. Pensar na deformação de uma estrutura da língua é considerar que nesse ponto está a possibilidade das mudanças das línguas, das transformações desde os primeiros tempos, onde alguém se decidiu por brincar com as sonoridades da linguagem, antes das palavras: essa brincadeira permitiu as formalizações e primeiras associações fonéticas, de sons e formas. É um tempo mítico, por

---

<sup>19</sup> O equívoco pode ser considerado um diferencial entre linguagem humana e a linguagem animal que não tem equívocos. Também pode ser um ponto de destaque na distinção entre compreender a linguagem como a habilidade inata de uma espécie como a humana e compreender a linguagem como subjetividade, lugar de existência de sujeitos desejantes, históricos, sociais e singulares. Assim, como também um diferencial das linguagens artificiais produzidas pelas inteligências artificiais.

isso mesmo a cada vez que um ser fala, que uma criança inventa e esquece uma palavra e um poeta reescreve um verso, a linguagem avança e as línguas se transformam. A cada vez que um analisante fala, ele transforma sua língua dizendo o mesmo de outro jeito e essa é a contribuição da psicanálise para nas investigações sobre a linguagem.

Não há psicanálise que não seja uma investigação sobre a linguagem e a fala de alguém. O analista opera deixando-se guiar pelas palavras utilizadas pelas pessoas que dizem, e o que delas ressoam e consoam como significantes. E dizer comporta diferentes dimensões de linguagem, além do peso imaginário da fala. Esse trabalho permite que se fale outra língua como fim de análise.

Nas conferências que realizou nos Estados Unidos, Jaques Lacan (1976/2016) destacou que substituiu, no discurso psicanalítico, o termo ‘palavra’ pelo termo ‘significante’, pois este serve a equívocos e a diversas significações, arrastando no dizer a (meia)verdade inconsciente. O significante, assim, não é o fonema, tal como se associa na linguística. Esse elemento fundamental para a experiência do inconsciente é depurado como letra pois em seu caminho vai deixando traços e fazendo furos, e o analista vai lendo.

Sigmund Freud inventou a psicanálise como uma interpretação dos sonhos para tratar da repetição de sintomas e angústia. Assim, está na gênese da função de analista interpor como ato de dizer uma palavra entre ele e o analisante.

Psicanálise e linguagem se encontram nos pontos dos equívocos, ali onde os estudos duros de linguagem idealizam sujeitos, substituem os funcionamentos das línguas e seus falantes por regras que pertencem muito mais às fantasias dos gramáticos do que às línguas e seus fatos, sustentam análises de sentidos onde o peso do imaginário e a generosidade de um falso grande Outro como alteridade provoca esses ideais de linguagem. E Lacan muda as coisas. Não é mais a psicanálise que se serve da linguagem e seus estudos. Para ele, a psicanálise mostra, tal como o dedo de São João, no quadro de Leonardo da Vinci, que há saber que não se sabe, uma convertigem. Esse saber se baseia no significante equivocado. Um sonho só se presta à análise pelos significantes que se lê do que o analisante dele se diz, no modelo anagramático em que Saussure nos mostrava nos versos saturninos as estranhas pontuações de escrita, que colocava em xeque o caráter não motivacional do signo linguístico, se encontrando com o Freud dos sonhos anagramáticos e renovando o saber do inconsciente. O saber do sujeito se renova nos equívocos poéticos do significante, no poema que escreve com o impossível do real, na consistência enigmática do imaginário e com os significantes do simbólico.

O real da linguagem que estrutura o inconsciente faz ver, a qualquer um que lide com a linguagem e com as línguas, que um mistério permanecerá, que a incompletude é forma, que o saber não se limita ao conhecimento e que desvelar esse enigma não é encerrar a questão, mas passar a outra coisa, a outro dizer em outra língua.

## Referências

- ANDRADE, Carlos de Drummond. Ausência. In \_\_\_\_\_. *Corpo* (1984). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 21.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- CASSIN, Bárbara. *Elogio de la traducción*, Complicar el universal. Buenos Aires: El cuenco de plata. 2019.
- FREUD, Sigmund. Fragmento de uma análise de um caso de histeria (Caso Dora/1985). In \_\_\_\_\_. *Histórias Clínicas. Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Tradução Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913). *Obras completas, ESB*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- QUINTANA, Mário. *Nova antologia poética*. 3ª ed Rio de Janeiro: Codecri, 1983.
- LACAN, Jacques. A direção de tratamento e os princípios de seu poder (1958). In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.591-652.
- LACAN, Jacques *O Seminário, Livro 16. De um Outro ao outro* (1968-1969). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LACAN, Jacques. O Aturdido (14-07-1972). Tradução de Vera Ribeiro. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003, p.448-497.
- LACAN, Jacques. *Encore* (1972-1973). Escola Letra Freudiana. Tradução Analucia Teixeira Ribeiro, 2010.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 23: O Sinthoma* (1975-1976). Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- LACAN, J. *Lacan in North América* (1976). [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.
- MARTINHO, Maria Helena. A interpretação psicanalítica: "um dizer nada". *Stylus*. Rio de Janeiro, n. 24, p. 77-84, jun. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 abr. 2023.
- CÂMARA Jr., João Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1992.
- MILNER, Jean Claude. *O amor da língua*. Tradução Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- NOVAES, Diogo Gomes. *A relevância dos equívocos de escrita para as aulas de língua portuguesa*. 2013. 108 f. *Dissertação* (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Acessível em <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15454?mode=full>
- REINERS TERRON, Joca. *Noite dentro da noite*. Companhia das Letras, 2017.
- SOLER, Colette. Uma interpretação que leve em conta o real. *Stylus*. Rio de Janeiro. N° 24. P.25-40, Junho 2012. Disponível em
- 29 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 01 - 30 , jan-jul. 2023. E-ISSN 2594-8962. DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.132010>

**SOUZA, Cirlana Rodrigues De.**

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2012000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 abr. 2023.

SOUZA Jr. Paulo César de. *O fluxo e a cesura. Um ensaio entre linguística, poética e psicanálise*. São Paulo: Editora Blucher, 2023.

**Recebido em:** 24/04/2023; **Aceito em:** 13/09/2023.